

SOCIOGÉNESE DA SOCIOLOGIA

A PROBLEMÁTICA DO PODER (CAPÍTULO 5)

A REFLEXÃO SOBRE O PODER E
SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL
NO CONTEXTO DO

ADVENTO DA SOCIEDADE MODERNA

INTRODUÇÃO

- A TRADICIONAL CONCEPÇÃO CORPORATIVA DA SOCIEDADE

- A REAÇÃO À REVOLUÇÃO FRANCESA

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

(Verneuil, 1805 – Cannes, 1859)

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

- A sua família era proveniente da antiga nobreza de toga francesa. No contexto dos acontecimentos da Revolução Francesa, os seus pais estiveram prestes a ser executados. Estudou inicialmente com um preceptor, fez os seus estudos secundários em Metz e formou-se em Direito em Paris.
- Profissionalmente, começou pela magistratura. Enquanto tal, foi nomeado para uma missão de estudo do regime penitenciário norte-Americano (Maio de 1831 a Fevereiro de 1832), juntamente com Gustave de Beaumont. Em 1832 demite-se do cargo de magistrado.
- Em 1835, Tocqueville publica os primeiros dois livros de ‘Da Democracia na América’ que obtêm um enorme sucesso (os livros III e IV serão publicados em 1840, com menor êxito).

...

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

(Verneuil, 1805 – Cannes, 1859)

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

- Em 1836, Tocqueville casa-se com Mary Motley. Visita a Suíça e Inglaterra. Em 1839 é eleito nas eleições legislativas. Desenvolve múltiplas actividades políticas, parlamentares e extra-parlamentares, em áreas como o regime de prisões e a situação nas colónias de África. Mantendo-se como deputado até então, Tocqueville é nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros em 1849. Deixando o cargo em 1850, redige as suas 'Memórias' durante esse ano e o seguinte. A seguir ao golpe de Estado de Luís Bonaparte, a 2 de Dezembro de 1851, Alexis de Tocqueville afasta-se definitivamente da vida política ativa.
- Instalando-se em Tours, pesquisa nos arquivos dessa cidade e em arquivos da Alemanha, onde se desloca, sobre a sociedade de Antigo Regime e sobre o período revolucionário de 1789 e anos seguintes. Tocqueville publicará em 1856 'O Antigo Regime e a Revolução'. Morre em Cannes, em Abril de 1859.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA

Para Tocqueville o traço mais decisivo da Modernidade é a DEMOCRACIA, fenómeno que encontra na sua obra um significado específico.

A Democracia é pensada prevalecentemente como igualdade de condições, isto é, fim das desigualdades intergeracionais ou hereditárias de condição.

Esta igualdade de condições não significa o fim de toda a Desigualdade Social. De facto, manter-se-á a desigualdade de níveis de riqueza, aspeto que Tocqueville não rejeita, já que esta não tem uma componente hereditária semelhante à das desigualdades tradicionais. Passa pois a existir mobilidade social: o autor entende que o destino está na mão de cada um.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA

Para Tocqueville o que é mais significativo é o fim da estrutura social de Antigo Regime e do poder social hereditário da Nobreza ou Aristocracia sobre os restantes grupos ou corpos sociais.

Tocqueville antecipa a importância futura das chamadas classes médias (refere-se a “carreiras comerciais e industriais”) e da ‘cultura de massas’, assim como é pioneiro no debate das respectivas problemáticas.

Em contrapartida, Tocqueville subestima o futuro confronto entre a burguesia e o proletariado.

O autor tende a assumir que a igualdade de condições promove o aumento do número de proprietários e das probabilidades de criação de riqueza, concentrando a sua atenção no carácter decisivo do desaparecimento da estrutura social tradicional .

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E AS REVOLUÇÕES

Segundo Tocqueville, a DEMOCRACIA pode surgir de diferentes formas, conforme aos casos que apresenta e estuda:

- 1) no caso francês surgiu de forma abrupta, graças à Revolução; esta é uma matéria abordada em 'O Antigo Regime e a Revolução';
- 2) no caso norte-americano, segundo argumenta, a democracia teria surgido 'naturalmente', isto é, "os americanos já nasceram iguais"; Tocqueville em 'A Democracia na América' faz o elogio comparativo da sociedade norte-americana e das suas origens britânicas; ainda assim, não isentará de perigos a Democracia norte-americana.

...

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E AS REVOLUÇÕES

Segundo Tocqueville, a DEMOCRACIA tende a prazo a ser anti-revolucionária, dado que:

- 1) as revoluções são feitas para acabar com as desigualdades (são 'democráticas'), correspondem à luta pela igualização democrática, logo não fazem sentido uma vez adquirida a Democracia;
- 2) a instauração da igualdade de condições traz o aumento do bem-estar para todos, logo há muito mais a perder por todos com as convulsões revolucionárias.

...

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E AS REVOLUÇÕES

Mas a aversão democrática às revoluções e a busca de estabilidade política (corre-se mesmo o risco do surgimento de uma aversão patológica às mudanças) não significa que as sociedades democráticas sejam imóveis.

Existe nelas um fervilhar constante de actividades motivado pela necessidade individual de aumento do bem-estar e por invejas individuais (a luta pelo status e a riqueza relativa: “keep up with the joneses”); nunca ninguém está satisfeito com a sua fortuna, preocupando-se sempre em aumentá-la.

Tudo isto faz com que as sociedades democráticas sejam sociedades internamente pacíficas, mas não “tranquilas e satisfeitas”.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE

Para Tocqueville, Democracia e Liberdade não são sinónimos nem co-existem necessariamente. Pelo contrário, entende que existe uma constante tensão entre ambas. Nos casos em que a DEMOCRACIA não se faz acompanhar da LIBERDADE, Tocqueville considera estar-se perante um DESPOTISMO. É assim que caracteriza o caso da França pós-revolucionária.

Tocqueville entende por Liberdade a ausência de arbitrariedade do poder político; entende que ela existe quando o poder político é controlado por todos os cidadãos e se assiste à sua participação nas decisões políticas, quando a soberania pertence verdadeira e ativamente ao povo. A Liberdade implica assim a dedicação à causa pública: a melhor maneira de corrigir os “vícios” da Democracia.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE

Se entre a Democracia e a Liberdade existe uma constante tensão, tal deve-se às características da Democracia.

As sociedades democráticas são marcadas pelo individualismo e pelo materialismo e por uma excessiva preocupação com o bem-estar. A igualdade traz o bem-estar material e a liberdade a intranquilidade, daí os homens preferirem a primeira (mesmo na “escravidão”) à segunda.

Outros perigos consistem no poder do dinheiro, na demagogia, na “falta de grandeza” e na força da opinião pública: as crenças e opiniões tendem a ganhar grande estabilidade e as ‘massas’ tendem a exercer uma grande pressão sobre o espírito de cada um.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA FRANÇA PÓS-REVOLUÇÃO

Tocqueville é um profundo crítico da França pós-revolucionária, no que transparece claramente a sua cultura aristocrática. O autor considera que, no caso da França, a democracia tem a face do despotismo.

Na sua obra ‘O Antigo Regime e a Revolução’, Tocqueville não só descreve a ‘Democracia’ francesa de forma particularmente negativa como argumenta que a Revolução Francesa apenas precipitou as tendências que há muito se vinham a desenhar no quadro da sociedade francesa (tese da inanidade, da inutilidade ou da ‘irrelevância’ da revolução).

Mais, argumenta que essas tendências, assim como as circunstâncias em que se obteve a ‘Democracia’ em França, apenas proporcionaram e reforçaram o Despotismo, ou a falta de Liberdade.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA FRANÇA PÓS-REVOLUÇÃO

O diagnóstico do problema aponta em boa medida para o tema dos corpos sociais intermédios, cuja supressão veio associada a uma hipertrofia do centro político, do próprio Estado, correlativa a uma total impotência dos indivíduos isolados.

A sociedade saída da Revolução não é mais livre – o poder político posterior àquela, sendo único, é, por isso mesmo, ilimitado e despótico; nem mais racional – as manias legisladoras parecem resultar mais de paixões destrutivas do que de outra coisa; nem tampouco é estável – o Estado, opina Tocqueville, é simultaneamente muito fraco e muito forte, onipotente, mas anárquico e caótico.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA FRANÇA PÓS-REVOLUÇÃO

Segundo Alexis de Tocqueville (tese da ‘inabilidade’), a maior parte das pulsões que a Revolução Francesa colocou em evidência e agravou já estavam em movimento (lamentável, mas inegavelmente) na sociedade dos últimos tempos da antiga monarquia, a saber: centralização política e administrativa (não habituando os cidadãos ao exercício e responsabilidade do poder) ; nivelamento (por baixo) do conjunto da sociedade; tendências racionalizadoras; instabilidade, desrespeito pelos corpos intermédios, pelas prerrogativas da nobreza e pela tradição...

Segundo Tocqueville, a revolução não destruiu corpos vivos mas cadáveres – a Antiga Ordem tinha-se já destruído, perdendo respeito por si própria antes de a Revolução a varrer.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Segundo Alexis de Tocqueville, a 'América' (a 'Democracia Americana' – o caso dos EUA) reúne um conjunto de características originais que tendem a preservar a Liberdade, ao contrário do que acontece em França. Contudo, os perigos espreitam, uma vez que toda a Democracia tem “vícios”. A sua apreciação da democracia norte-americana é mais benigna, mas não isenta de sombras.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Segundo Alexis de Tocqueville, tudo nos EUA parece permitir a Democracia sem violentar a 'natureza das coisas', a saber:

- a) a enorme extensão do território e dos seus recursos, com 'frontier' em deslocação inacabada para oeste e alegada ausência de inimigos externos;
- b) a correspondente inexistência (ou quase) de uma aristocracia guerreira e terratenente tradicional;
- c) a religião maioritariamente protestante e mantendo uma relação de afinidade estreita com a própria origem das reivindicações de independência nacional e de democracia;

...

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

- d) a estrutura política descentralizada, com vários níveis de exercício do poder: condado, estado e federação;
- e) o regime presidencialista, com responsabilidade do governo apenas perante o monarca eletivo, isto é, separação de poderes no sentido de independência do executivo face ao legislativo;
- f) a grande importância do direito costumeiro (na tradição jurídica britânica) e o recurso a tribunais de jurados;
- g) a proliferação do associativismo aos mais vários níveis e encontrando correspondência na liberdade plena de associação política (partidos políticos), etc.

...

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Mais uma vez, a ênfase de Alexis de Tocqueville vai para o tema da proliferação dos grupos intermédios, ou do que poderíamos considerar um sucedâneo dos “corpos sociais” do Antigo Regime, possibilitando a ligação dos indivíduos e a sua integração no todo social.

Tocqueville salienta as vantagens, para a liberdade, da existência de pluralismo político, com a multiplicação dos centros de poder.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Em todo o caso, e ressalvada toda a benignidade em termos comparativos dos comentários de Tocqueville a propósito dos EUA, cumpre reconhecer que a sociedade norte-americana parece, de acordo com este autor, inevitavelmente condenada àquilo a poderíamos considerar uma avassaladora vaga de mediania, para não dizer de mediocridade.

Do coração dos norte-americanos não estão ausentes apenas as paixões destrutivas dos seus contemporâneos franceses. Infelizmente, dir-se-ia faltarem todas as paixões, exceto a do enriquecimento.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Os norte-americanos parecem, na verdade, ser essencialmente indiferentes a todo o tipo de disputas filosóficas, artísticas, políticas, etc., desde que não vejam nelas um interesse imediato.

Esta apatia ou indiferentismo generalizado, que Tocqueville afirma suprimir talvez o que de pior há na natureza humana, mas também (infelizmente) o que de melhor nela existe, produz uma vida social onde a diferença individual que caracteriza as 'grandes almas' é impossível.

Na América, a opinião pública é, aliás, a rainha indiscutida, para não dizer a insuportável tirana, à qual tudo se deve curvar. Um como que gregarismo cego torna os cidadãos, talvez incapazes do pior, mas seguramente também do melhor.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Os norte-americanos conhecem apenas a paixão do enriquecimento, mas associada àquilo a que já se chamou a obsessão de 'keep up with the Joneses', a um princípio de comparação permanente com os outros.

Esta indefinição e 'instabilidade do status' leva os americanos a serem ora de uma enorme boa-fé, ou mesmo ingenuidade, ora tremendamente inseguros e (alternadamente) arrogantes.

É inevitável que o mesmo status resulte numa fonte permanente de insatisfação e desassossego para toda a gente.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

É ainda o tema do status, e da sua indefinição e instabilidade, numa sociedade democrática, que leva Tocqueville a dirigir sérias advertências aos partidários da emancipação dos negros nos estados do Sul dos EUA.

O risco que antevê é, em suma, que esta seja percebida por parte do resto da população como uma ameaça à situação de cada um. Na verdade, observa, nos estados onde a escravatura já foi abolida isso não resultou numa aproximação dos grupos raciais, mas no afastamento recíproco e num reforço dos preconceitos.

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

A DEMOCRACIA E A LIBERDADE: O CASO DA 'AMÉRICA' (EUA)

Assim, ao que parece, também quanto a este aspeto, o estabelecimento da igualdade jurídica deveria ter um efeito exatamente contrário ao desejado pelos partidários da mudança, os abolicionistas, por vezes considerados uma nova seita filosófico-política, como outrora os jacobinos, mas no caso dos EUA assumidamente de pendor religioso; ficariam apenas reforçadas as invejas (por aumento do nível de expectativas por parte dos negros), bem como as suspeições e reações segregacionistas (por crispação defensiva do lado da maioria branca).

Tocqueville salientou que os 'ódios raciais', numa sociedade que genericamente "nasceu igual", corresponderiam ao grande risco ou problema dos EUA.

KARL MARX

(Trier, Renânia, 1818 – Londres, 1883)

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

- Marx era filho de um advogado que pertencia a uma família de rabinos. O seu pai aceitou ser baptizado protestante como forma de poder continuar a exercer a sua atividade profissional.
- Tendo feito os estudos liceais em Trier, Marx inscreveu-se aos 17 anos em Direito na Universidade de Bona. Entretanto, ficara noivo de Jenny von Westphalen com quem casará em 1843. Entre 1836 e 1841 estudará na Universidade de Berlim, Filosofia, Direito e História. Em 1841 obtém o doutoramento em Filosofia pela Universidade de Jena. Neste período, Marx pertence ao círculo dos chamados ‘Hegelianos de Esquerda’ que realizam a crítica da filosofia de Georg Wilhelm Friedrich HEGEL (1770-1831), muito influente à época.
- Tendo pensado inicialmente vir a exercer a docência universitária, Marx envereda por outro caminho. Dedicar-se-á à política e ao jornalismo. Em 1842 reside em Bona e colabora com um periódico de Colónia de que se virá a demitir no ano seguinte.

...

KARL MARX

- Em 1843, Marx casa com Jenny e parte para França. Residirá em Paris até 1845, ano em que será expulso pelo governo francês a pedido das autoridades prussianas. Nesse período de Paris, publica nos Anais Franco-Alemães de Arnold Ruge, conhece Proudhon e vários emigrados políticos, como Bakunine, e, ainda, Friedrich ENGELS (1820-1895), que virá a ser o seu principal amigo e companheiro intelectual e com o qual escreverá várias obras.
- Expulso de França, Marx viverá em Bruxelas entre os anos de 1845 e 1848: será mais uma vez expulso neste ano. Neste período faz várias viagens com Engels a Inglaterra, entrando em contacto com a ‘Liga dos Justos’, grupo semi-clandestino de emigrados alemães. Em 1847, esta Liga muda de nome para ‘Liga dos Comunistas’ e encarrega-o de redigir o que deverão ser os fundamentos teóricos da organização. Desse empreendimento resultará, em Fevereiro de 1848, a publicação em Londres e em alemão do Manifesto do Partido Comunista.

KARL MARX

- Desde 1848 em Colónia (após uma breve passagem por Paris), Marx é chefe de redação da Neue Rheinischer Zeitung. A sua tentativa de promoção duma aliança política entre o proletariado e os elementos mais radicais da burguesia liberal falha. No Outono desse ano a revolução dá indícios de enfraquecimento. Só a partir de Abril de 1849 passa Marx a advogar a apresentação de candidaturas independentes dos socialistas nas eleições. No mês seguinte, todavia, o movimento sucumbe e nova ordem de expulsão chega. Parte para Paris, onde fica pouco tempo, e daí para Londres, onde viverá o resto dos seus dias.
- A viver em Londres desde 1849, Marx continua a escrever e a editar mas as dificuldades económicas são muitas. Para sobreviver dedica-se ao jornalismo. De 1851 a 1862 colabora no New York Tribune, onde expressa o seu interesse pelas crescentes tensões entre o Norte industrializado dos EUA e o Sul esclavagista, bem como a sua esperança e convicção do triunfo daquele, corporizando “a mais elevada forma que o auto-governo de um povo até hoje assumiu”. Em 1861 viaja à Holanda e a Berlim, começando também a trabalhar no Die Presse de Viena. Em 1864 participa na formação da Associação Internacional dos Trabalhadores, cujos estatutos e proclamação inaugural redige.

KARL MARX

- Pouco depois da sua chegada a Londres, nascera o quarto dos filhos de Marx. Mais dois se seguiriam, mas do total de seis, só três raparigas atingiram a idade adulta. A estas, há que acrescentar ainda um filho resultante de uma relação extra-conjugal, que Marx nunca reconhecerá, sendo a sua paternidade assumida por Engels. Se a família de Marx sobrevive, é em boa parte graças a legados vários de correlegionários. A morte da mãe de Marx em 1864, proporcionou-lhe uma pequena herança, todavia insuficiente para resolver os seus problemas. Finalmente Engels, que vendera a sua parte no negócio que tinha herdado da indústria têxtil do algodão de Manchester, concedeu-lhe uma pensão anual regular. Os últimos anos de Marx puderam assim ser financeiramente seguros, embora tenham sido perturbados pela doença: em 1873 teve uma apoplexia.
- A morte de Jenny, em 1881, deixa-o, de acordo com testemunhos vários, visivelmente abatido e completamente incapaz de trabalhar. No ano seguinte viaja ainda à França, Suíça e Argélia. Morre em 14 de Março de 1883. Parte da sua obra é publicada postumamente pelo seu amigo Engels.

KARL MARX

ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS

- A Questão Judaica (1843)
- Introdução à Crítica do Direito de Hegel (1843)
- Manuscritos Económico-Filosóficos (1844-45)
- A Sagrada Família (1845) [com Engels]
- A Ideologia Alemã (1845-46) [com Engels]
- A Miséria da Filosofia (1847)
- Manifesto do Partido Comunista (1848) [com Engels]
- Trabalho Assalariado e Capital (1849)
- As Lutas de Classes em França (1850)
- O 18 de Brumário de Luís Bonaparte (1852)
- Salário, Preço e Lucro (1865)
- Livro I de O Capital (1867)
- A Guerra Civil em França (1871)
- Livros II e III de O Capital (editados respetivamente em 1885 e 1894)
- As Teorias da Mais-Valia (supostamente o rascunho do Livro IV de O Capital, editado entre 1905 e 1910 por Karl Kautsky).

KARL MARX

O MATERIALISMO HISTÓRICO

‘MATERIALISMO HISTÓRICO’ é a expressão que dá nome à conceção de Marx e de Engels da mudança histórica, económica e social; corresponde a uma teoria geral da evolução das sociedades.

Esta teoria dá prioridade explicativa à esfera da ‘Produção Social’, o conjunto que forma a estrutura económica da sociedade, ou a ‘Infra-estrutura’ da sociedade. Sobre esta, levanta-se um edifício jurídico e político e determinadas formas da consciência social ou Ideologia (filosofia, artes, religião, etc.) que, em conjunto, correspondem às ‘Super-estruturas’ sociais. Entendem os autores que a relação entre estes dois ‘níveis’ sociais, apesar do carácter determinante do primeiro, é ‘dialética’, existindo portanto causalidade em ambos os sentidos.

KARL MARX

O MATERIALISMO HISTÓRICO

O 'MATERIALISMO HISTÓRICO' descreve um percurso de evolução histórica que é dominado e explicado por intermédio de duas 'Dialéticas' ou 'Contradições' fundamentais e relacionadas entre si, a saber:

- 1) a contradição entre 'Relações de Produção' e 'Forças Produtivas';
- 2) a contradição ou luta de classes.

No quadro desta teoria, a História corresponde a uma sucessão de épocas ou sistemas económico-sociais que recebem o nome de 'Modos de Produção' (Antigo, Feudal, Capitalista, Socialista; [Asiático]) e que, apesar de poderem apresentar traduções concretas diversas conforme as sociedades (as 'Formações Sociais'), exibem sempre um tipo específico de 'relações de produção', correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento das 'forças produtivas' e a uma estrutura de classes específica (exceto supostamente o MP Socialista que deverá corresponder ao fim da sociedade de classes).

KARL MARX

O MATERIALISMO HISTÓRICO

Segundo esta teoria, a História muda sob o impulso da contradição ou dialéctica entre:

- 1) As 'RELAÇÕES DE PRODUÇÃO' são relações necessárias, independentes da vontade dos indivíduos, que se estabelecem entre diferentes grupos ou classes sociais. Estas relações, cuja tradução jurídica são as relações de propriedade, resultam da relação das diferentes classes com os 'Meios de Produção' e do lugar que estas ocupam na 'Produção Social' (a sua 'Situação de Classe').
- 2) As 'FORÇAS PRODUTIVAS', que correspondem à capacidade de produzir de uma determinada sociedade (MP), são função do conhecimento científico e técnico, do equipamento técnico e da organização do trabalho. As 'Forças Produtivas' que conduzem ao regime seguinte amadurecem na sociedade atual e desenvolvem-se a um ritmo mais rápido que as Relações de Produção.

...

KARL MARX

O MATERIALISMO HISTÓRICO

Ainda segundo a mesma teoria, a anterior contradição ou dialética relaciona-se com uma outra contradição ou luta... a luta 'CLASSES SOCIAIS', a qual contribui decisivamente para o dinamismo da História. Num determinado grau de desenvolvimento, as forças produtivas materiais colidem com as relações de produção, dentro das quais se vinham movimentando, provocando a Revolução Social.

Cada MODO DE PRODUÇÃO é caracterizado por uma determinada estrutura de classes, por relações de produção específicas, e ainda por uma determinada 'Relação de Exploração'. Isto porque, apesar de em cada Formação Social marcada por um qualquer MP poder existir uma estrutura social concreta mais ou menos complexa, é sempre possível identificar duas classes sociais principais, uma classe dominante e uma classe dominada/explorada.

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUEÊS

No quadro da sua teoria, a principal atenção de Marx é dirigida à sociedade moderna, uma sociedade que descreve como Capitalista ou Burguesa, isto é, marcada pelo MP Capitalista.

O CAPITALISMO, marcado pela procura do Lucro, é definido pela separação dos trabalhadores juridicamente livres relativamente aos meios de produção (apenas têm a sua 'Força de Trabalho') e pelo salariado generalizado, a relação de exploração própria ao MPC. Os capitalistas, detentores dos meios de produção, são compelidos objetivamente, pela própria lógica da concorrência, a uma produção cada vez mais racional e eficiente. Esta concorrência determinada pelas condições de mercado deverá, tarde ou cedo, resultar na eliminação de toda a produção artesanal ou camponesa pré-capitalista. Assim, a estrutura de classes da sociedade capitalista deverá tender para a simplificação em torno de uma bipolaridade: capitalistas (detentores dos meios de produção) e proletários (tese da proletarização generalizada dos produtores).

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUESES

A lógica da produção capitalista deverá, de acordo com Marx, levar a uma auto-destruição da mesma:

- 1) a crescente racionalidade ao nível de cada unidade produtiva deverá determinar, objetiva e involuntária, mas inexoravelmente, uma baixa tendencial da taxa de lucro;
- 2) a acumulação anárquica do capital levará a sucessivas crises de sobre-produção.

O capitalismo, em suma, tornar-se-á um obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas e deverá, por isso, ser historicamente superado. Estes processos económicos serão, naturalmente, acompanhados de um agravamento tendencial das lutas de classes entre capitalistas e proletários, causada, entre outros fatores, pela generalizada manutenção dos salários a um mero nível de subsistência (tese da pauperização).

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUESES

Essas lutas terminarão apenas com a vitória dos proletários, o desaparecimento da propriedade privada dos meios de produção e a reorganização planeada e consciente da produção pelo conjunto da sociedade, isto é, por processos políticos, determinando uma racionalidade global (que não apenas à escala da unidade económica isolada) da produção. Deverá também assistir-se a um tendencial 'Fim do Estado', na medida em que este deixará de funcionar como instrumento de dominação de uma classe por outra.

Em tal sociedade terão, entretanto, deixado de existir classes diferenciadas. Trata-se, resumindo, da substituição do capitalismo pelo socialismo.

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUESES

Na sociedade capitalista, a existência plena, como seres sociais, dos homens, tem apenas a característica de uma miragem ou sonho, oposto (e simultaneamente complemento) da vida real material destes, como seres individualizados, isolados, objetivamente tornados antagonistas uns dos outros pela concorrência e a seleção capitalistas.

Essa miragem que, de acordo com Marx, constitui a cidadania (os direitos civis universais), está em perfeita analogia com o que, segundo ele, constituem a outros níveis a religião e o mercado. Aquela é uma espécie de felicidade alucinada que se traduz ao mesmo tempo num reverso e num reforço da miséria e do “vale de lágrimas” da vida real.

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUESES

Quanto ao mercado, trata-se de uma socialização mediatizada da produção: o verdadeiro carácter desta (relações entre pessoas) só pode ser percebido enquanto relações entre coisas: é o célebre tema da reificação das relações sociais. Este facto geral assume uma forma extrema com a existência do próprio capital: trabalho humano cristalizado, não colocado ao serviço do ‘trabalho vivo’ (os homens reais), mas submetendo este à sua lógica.

Segundo escreveu Marx, tal como não se julga um homem pela ideia que ele faz de si próprio, assim também não se deve ajuizar de uma sociedade ou uma época de acordo com as representações que esta faz de si (as célebres “super-estruturas” política, ideológica, etc.), mas explicando aquelas pela “infra-estrutura” económica, a “produção social da existência material”.

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUEÊS

A MAIS-VALIA

Na análise económica do capitalismo, Marx procedeu à invenção do conceito de “mais-valia”, ou ao que já foi descrito como a “descoberta” desta. Tratar-se-ia, em suma, de identificar como, na produção capitalista, o “excedente económico”, ou a possibilidade de obter, graças ao trabalho de homens, mais do que é necessário gastar com o sustento dos mesmos (o que David Ricardo expressou em essência como “produção de trigo por meio de trigo”), assume a forma “empírica” de lucro: aquilo que é criado pelo trabalho humano manifesta-se como criação do próprio capital.

A Mais-Valia ou sobre-trabalho corresponde à quantidade de valor produzida pelo trabalhador para além do tempo de trabalho necessário (inferior à duração efetiva do seu trabalho) para produzir um valor igual ao seu salário.

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUESES

A ALIENAÇÃO

Na obra de Marx são distinguíveis os seguintes sentidos para o termo “alienação”:

- 1) O trabalhador não tem controlo sobre o produto do seu trabalho, transformando-se ele próprio em objecto, produto vendável: a sua “força de trabalho” é, de resto, a única mercadoria que ele tem para oferecer no mercado.
- 2) O próprio processo de trabalho é alienante: “se o produto do trabalho é a alienação, a produção em si tem de ser uma alienação ativa - a alienação da atividade e a atividade da alienação”.
O trabalho não é, para o trabalhador, um fim em si mesmo, mas apenas um meio para obter algo. A “verdadeira vida” do trabalhador começa apenas quando o trabalho termina.

...

KARL MARX

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA OU BURGUESES

A ALIENAÇÃO

- 3) Em capitalismo, as relações entre os homens sofrem um tipo particular de racionalização que tudo submete a um padrão geral, abstrato, que é o próprio dinheiro. “Aquele que pode comprar a valentia é valente, apesar de cobarde ... Do ponto de vista do seu possuidor, o dinheiro permite trocar todas as qualidades e objectos por todos os outros, ainda que contraditórios”. Num mundo onde os homens estão estrangeirizados uns dos outros, “(...) o dinheiro é o proxeneta entre a necessidade e o objeto, entre a vida humana e os meios de subsistência.

- 4) É verdade que os seres humanos vivem numa interação dinâmica com o mundo natural. A tecnologia e a cultura são o resultado mesmo dessa interação, “sendo as principais qualidades que distinguem o homem dos outros animais”. Todavia, o trabalho alienado reduz-se a uma actividade meramente adaptativa, em vez de ser um domínio do mundo.

MAX WEBER

(Erfurt, 1864 – 1920)

A TIPOLOGIA DA AUTORIDADE

-

CLASSE, STATUS E PARTIDO

-

O PROBLEMA DA DEMOCRACIA

MAX WEBER

A TIPOLOGIA DA AUTORIDADE

Poder vs. Dominação/Autoridade

- PODER: a capacidade de alguém levar outrem a fazer qualquer coisa mesmo contra a sua própria vontade.
- AUTORIDADE: o poder aceite pelos subordinados, porque reconhecido como legítimo.
- TIPOLOGIA DA AUTORIDADE (critério de construção – o princípio de legitimação): autoridade tradicional (tradição ou costume); autoridade carismática (carisma); autoridade racional-legal (lei racional).

...

MAX WEBER

A TIPOLOGIA DA AUTORIDADE

Tipos de Autoridade e de Organização (tipos-ideais)

- AUTORIDADE TRADICIONAL: o seu fundamento de legitimação é a tradição ou costume, predominando nas sociedades europeias anteriores à revolução industrial; liga-se a um tipo de organização que também pode ser descrito como tradicional (baseado no costume, nas ligações pessoais e nos cargos honoríficos).
- AUTORIDADE CARISMÁTICA: o seu fundamento é o carisma (as supostas qualidades extraordinárias de alguém), o qual é inseparável da pessoa que o possui (o líder carismático); nas sociedades tradicionais era o principal fator de inovação (na sociedade moderna é parcialmente substituído pela racionalização); liga-se a um tipo de organização mais instável (dependente da existência do líder); todavia, existe a possibilidade de se observar uma “rotinização do carisma”.
- AUTORIDADE RACIONAL-LEGAL: o seu fundamento de legitimação é a lei escrita, representando-se como resultado do debate racional; predomina na sociedade moderna; liga-se à Burocracia ou ao modo de organização burocrático.

MAX WEBER

A BUROCRACIA

A “razão decisiva do avanço da organização burocrática” é a sua “superioridade puramente técnica” em relação a qualquer outro tipo de organização”.

Comparando a Burocracia a uma máquina,
Max Weber afirma que este tipo de organização apresenta
franca vantagem em vários campos, a saber:

“a precisão, a rapidez, a não ambiguidade, o manejo de documentos, a continuidade, a descrição, a unidade, a subordinação estrita, a eliminação de conflitos, as despesas de pessoal e material”.

...

MAX WEBER

A BUROCRACIA

o tipo-ideal

Corresponde a uma organização com os seguintes traços:

- a) existência de regras impessoais, não tradicionais, mas racionais;
- b) aqueles que detêm a autoridade também estão sujeitos a uma ordem impessoal;
- c) existência de um corpo de funcionários com hierarquia de funções, direitos e deveres bem definidos e esferas de competência bem demarcadas;
- d) o funcionário não é dono do lugar que ocupa;
- e) os subordinados não devem aos seus superiores hierárquicos fidelidade pessoal;
- f) as regras são escritas (não orais);
- g) o recrutamento é feito por exames ou mediante o reconhecimento de diplomas.

...

MAX WEBER

A BUROCRACIA

o tipo-ideal

A situação do funcionário é definível da seguinte forma:

- a) existência de uma carreira comportando uma concepção abstrata do dever, sendo a execução das tarefas associadas a uma posição um fim em si mesmo e não uma forma de obter remunerações adicionais ou outro qualquer tipo de vantagens;
- b) geralmente, ocupa uma posição apenas temporariamente;
- c) a nomeação é feita em função de capacidades técnicas (não por eleição);
- d) existe um salário fixo regular;
- e) a progressão do funcionário na carreira é função da competência e/ou da antiguidade.

...

MAX WEBER

A BUROCRACIA

A Burocracia é uma das expressões mais claras do avanço da ‘Racionalização’ nas sociedades europeias ocidentais, o traço distintivo da Modernidade, de acordo com Max Weber.

A burocracia, segundo Weber, goza de uma indiscutível superioridade técnica relativamente às formas de organização anteriores e parece inevitável.

Contudo, tal não significa que se não avizinhem problemas – vide o tema da alienação e da ‘jaula de ferro da Burocracia’ (Capítulo IV).

MAX WEBER

CLASSE, STATUS E PARTIDO

Max Weber inaugurou uma das duas principais tradições teóricas no estudo da Desigualdade Social. Segundo alguns comentadores, Karl Marx teria dado origem à linha de estudo das ‘Classes Sociais’, enquanto Max Weber teria inaugurado a linha da ‘Estratificação Social’.

Enquanto Marx concentra no conceito de ‘classe social’ (cujo princípio de determinação é económico – o lugar ocupado na produção) a análise de todas as dimensões de desigualdade social,

Weber insiste na análise separada dessas dimensões, o que tem consequências teóricas importantes, nomeadamente o entendimento separado das lógicas económica, social e política de estratificação social.

MAX WEBER

CLASSE, STATUS E PARTIDO

Na sua tipologia dos grupos ou estratos sociais, Weber distinguiu basicamente três tipos diferentes: a classe, o grupo de status e o partido. O primeiro refere-se à esfera económica, o segundo ao prestígio (ou à esfera social propriamente dita), o terceiro ao poder político. Embora estas três dimensões estejam entre si ligadas de diferentes formas, é importante distingui-las.

Basicamente, onde Marx distinguia dois tipos de grupos, a 'classe em si', mero agrupamento fático, e a 'classe para si', dotada de 'consciência de classe' e constituindo uma base para a ação política concertada, Weber distingue três dimensões analíticas. A da classe é meramente fática, enquanto o 'grupo de status' e o 'partido' exigem ambos o reconhecimento recíproco; mas a lógica do partido é declaradamente instrumental, enquanto a pertença de status é 'simbólica' ou 'expressiva', constituindo um fim em si mesma.

MAX WEBER

CLASSE SOCIAL

Uma classe social é um grupo de pessoas com a mesma situação económica (situação de classe), definida do ponto de vista da propriedade e dos recursos colocáveis no mercado.

Weber distingue, a este respeito, classes proprietárias (positiva ou negativamente privilegiadas) e classes comerciais.

São uma classe proprietária positivamente privilegiada os proprietários vivendo de rendas (de terras, minas, etc.). Os proletários da Antiguidade, sem recursos vendáveis no mercado, são uma classe proprietária negativamente privilegiada.

As classes características do capitalismo moderno são classes comerciais: positivamente privilegiadas (empresários e banqueiros), negativamente privilegiadas (trabalhadores assalariados desqualificados), ou classes médias várias (trabalhadores assalariados qualificados e trabalho independente).

MAX WEBER

CLASSE SOCIAL

Para Weber são, todavia, identificáveis tantas classes quão interessados estivermos, do ponto de vista analítico, em distinguir apenas diferenças maiores ou mais subtis entre as situações económicas dos diferentes indivíduos.

No limite, cada indivíduo constitui uma classe distinta.

Neste sentido, a classe é uma construção do investigador.

Por outro lado, a classe social fornece uma base material possível para uma ação concertada por parte dos seus diferentes membros (é o caso dos sindicatos operários e das associações empresariais), mas tal nem sempre sucede.

O sentimento de pertença coletiva pode, nuns casos, ser muito grande, noutros praticamente nulo: tal depende de factores exteriores à própria problemática da classe social.

As diferenças relativamente à perspetiva marxista são óbvias.

MAX WEBER

GRUPO DE STATUS

A esfera do status é a do prestígio ou honra social (no sentido de a 'boa sociedade').

O grupo de status comporta uma componente de comunalização na conduta dos seus membros. Estes são as pessoas que os outros membros do grupo reconhecem como pertencendo ao grupo.

Não há portanto, não pode haver, grupo de status sem um 'Eu' coletivo correspondente ao 'espírito de corpo'.

O status relaciona-se com a classe
sobretudo do ponto de vista dos padrões de consumo:
é frequente a existência de um estilo de vida
em termos económicos como condição necessária (mas nunca suficiente) para a
pertença a um grupo de status.

MAX WEBER

GRUPO DE STATUS

Nesse sentido, o grupo de status está mais perto da classe de consumo do que da classe do ponto de vista da produção.

Todavia, a lógica do status tende sempre para o conflito com o próprio princípio organizador da classe, que é o mercado. O status obriga a distinguir as próprias pessoas e conduz à fixação nas particularidades de cada um dos indivíduos.

A classe comporta uma tendência para a conduta em função de critérios universais e referindo-se às próprias acções levadas a cabo, não aos indivíduos que as realizaram.

Pelo contrário, o status impede o regateio e em geral o negócio que pudesse ser feito de acordo com critérios de pura eficiência económica.

MAX WEBER

GRUPO DE STATUS

Uma pertença de status é necessariamente difusa, dizendo respeito a toda a vida dos seus membros, ao contrário de uma pertença de classe, que é suficientemente específica para poder comportar a definição daquilo que é 'strictly business' (distinguível das esferas da vida de cada um que não são negócio). No universo do status, tudo tem um valor afetivo. Pelo contrário, no caso da classe, a própria definição em termos económicos convida ao frio cálculo racional.

O grupo de status baseia-se na exclusividade e tende a excluir ou impedir a entrada de novos membros. No limite, pode transformar-se em casta, mas isso apenas se estiver presente uma componente de identidade étnica e religiosa.

MAX WEBER

PARTIDO POLÍTICO

Se o status acarreta necessariamente uma componente de comunalização, já o partido é inseparável de uma sociação das condutas dos agentes, no sentido de que diz respeito especificamente à luta pelo poder político e significa em maior ou menor grau uma concertação racional das acções de diferentes indivíduos com vista, justamente, à obtenção do poder.

Embora em medida variável, a existência dos partidos está assim associada à racionalidade das condutas, por referência aos fins e (ou) aos meios.

O campo de actuação dos partidos é, por excelência, o próprio Estado, mas Weber ressalva que, em sentido amplo, podemos falar de partidos organizados na disputa pelo poder numa qualquer associação voluntária (num clube, numa igreja, etc.).

MAX WEBER

CLASSE, STATUS E PARTIDO

Conclusão

Estas três dimensões (económica, social e política) estão empiricamente interligadas de formas muito diferentes consoante as circunstâncias.

Em situações sociais diversas são identificáveis: quer casos de fortíssimas correlações positivas entre as três dimensões, quer casos de correlações nulas, ou ainda correlações negativas.

É exemplo de uma correlação negativa o ‘novo rico’, com uma elevada posição económica, mas sem correspondência do ponto de vista do prestígio.

MAX WEBER

CLASSE, STATUS E PARTIDO

Conclusão

Um partido operário exemplifica uma correlação forte entre as dimensões económica e política, mas também podemos identificar partidos com base no status e outros sem base de classe ou de status. Já um partido inter-classista traduz uma correlação nula entre economia e política.

A passagem da sociedade tradicional para a moderna pode em boa medida ser compreendida como a de uma em que o grupo de status é a categoria mais importante (preponderância do elemento 'comunitário'), a uma outra em que vêm a sua importância aumentar grupos em que a componente 'societária' é a mais importante, como a classe e o partido.

MAX WEBER

O PROBLEMA DA DEMOCRACIA

A moderna democracia e os partidos de massa que lhe estão associados não podem senão acarretar, segundo Max Weber, o surgimento de novas oligarquias (os dirigentes partidários) e uma proliferação do tipo social do demagogo.

A burocracia tem uma relação de afinidade com a democracia, entendida esta expressão no mesmo sentido, aproximadamente, que Tocqueville lhe dava: igualdade de oportunidades, regras gerais, igualdade face à lei, etc...

Todavia, a democracia, no sentido de sufrágio popular, partidos políticos e vida parlamentar, contém no seu entender uma dimensão inevitavelmente não racional de actuação, que propiciará permanentemente a emergência de fenómenos relevando do carisma.

MAX WEBER

O PROBLEMA DA DEMOCRACIA

A república democrática será, em essência, um palco para a competição de vários demagogos, cada um dos quais procurando influenciar as multidões através das suas supostas excepcionalidade e capacidade organizadora: eis o lado não racional da vida numa democracia que Weber toma como inevitável. Mas essa constitui, simultaneamente, uma forma de inovação possível, aberta ainda à sociedade excessivamente racionalizada, tal como outrora às sociedades tradicionais.

No extremo oposto, por assim dizer, é entretanto previsível que as mesmas pulsões sociais que vieram associadas aos progressos da racionalização burocratizadora tendam a traduzir-se, em versões radicais, na própria tendência que a generalidade dos partidos socialistas representa. Quanto à reivindicação do socialismo, Weber não hesita, aliás, em afirmar que a sua concretização tenderia a assumir a forma de uma sociedade hiper-burocratizada.